

fundas amizades, entre as quais foi privilégio meu ter a sua. Com a ausência de certas pessoas, ou antes de certa pessoa (1), com o afastamento de minha família que está na Nova Cintra, morro onde meu cunhado tem uma chácara; com a falta do Artur, do Mota, que emigrou para Mogi das Cruzes, do meu sempre lembrado José Caetano (quando agora vou à casa da mãe parece-me sempre que êle está ali, e pela rua de Sto. Inácio não passo mais), Grosvenor Gardens me parece, tal é a *solidão absoluta* em que vivo, ainda mais longe, e acredito, através desta distância, ver lá a espada do Querubim que guardava para sempre, ou para nunca mais, a porta do Paraíso!

Vou ver se fundo um jornal político — *O Século*. Prometem-me capital de Pernambuco. Mas se não fôr possível, e eu precisar voltar para o meu destêrro, peço-lhe que auxilie o Paranhos em ver se se me pôde restituir o que eu tinha, como base de uma nova carreira no estrangeiro, o que apesar de tudo me custaria muito. Eu mandei ao segundo P, P 2.º, uma chave telegráfica para o caso.

Lembre-me muito à Baronesa, cuja saúde espero se esteja cada vez mais fortalecendo, e a Carlotinha a quem desejo que o clima de Londres não seja tão hostil como afinal se tornou para mim. Sempre seu, de tôda a dedicação

Am.º Obr.

JOAQUIM NABUGO.

### *A José Maria da Silva Paranhos*

*O jovem Paranhos, futuro barão do Rio-Branco, fizera-se cedo amigo dos filhos do senador Nabuco. Primeiro o foi do mais velho, Sizenando, cuja idade se aproximava mais da sua e depois de Joaquim Nabuco. Sempre fôra porém um temperamento muito reservado, um tanto inacessível mesmo aos mais próximos. Durante o longo período passado na rotina do serviço consular, dos quais dezessete no consulado de Liverpool, não foram muitos os que tiveram ocasião de lhe conhecer o preclaro merecimento e poder prever o alto destino que sua capacidade e seus*

---

(1) Referência à volta para Paris de dona Eufrásia Teixeira Leite.

*conhecimentos lhe poderiam garantir. Joaquim Nabuco formou na onda daqueles que fizeram chegar a Floriano Peixoto (« o Nabuco é um adversário leal » respondera o Marechal ao amigo que lhe transmitiu o recado), que o brasileiro mais próprio para defender nosso território na questão das Missões, no arbitramento já confiado ao presidente Cleveland, quando faleceu o plenipotenciário do Brasil, barão de Aguiar de Andrada, era o Cônsul do Brasil em Liverpool. Num labor paciente de anos Rio-Branco fixaria alargando-as não só nesta linha, mas em tôdas as dúvidas semelhantes, as fronteiras do Brasil.*

Rio, 3 de abril de 1886.

Meu caro Paranhos,

Muito obrigado e de todo o coração pela sua carta e tudo que nela se contém. Agradeço-lhe muito a prontidão com que você mandou as £ 50 que eu lhe pedi adiantasse a H.

Por êste vapor você receberá uns versos meus franceses. Saíram cheios de erros na *Gazeta de Notícias*, eu agora quero ver se saem mais corretos. Espero que lhe agradem.

Êsses panfletos (1) têm-se vendido, mas eu os encetei como precursores apenas do *Século*, que estou tratando de fundar, com capital pernambucano que me foi prometido (2). Espero até ao dia 15 ter uma solução a êsse respeito, e envio-lhe uma pequena chave telegráfica para o caso de *insucesso*, sendo que eu desejo que você logo que receba esta vá dando sèriamente

---

(1) *Propaganda Liberal*, série de opúsculos de Joaquim Nabuco. O primeiro, sôbre o govêrno emancipador de Dantas, intitulara-se *O Erro do Imperador* e tivera excelente venda.

(2) Nabuco chegou a lançar em fevereiro de 1886 uma circular impressa solicitando a todos os Liberais a colaboração na fundação dêsse jornal. Nêle dizia: « Para a defesa e propaganda das nossas idéias comuns e também para procurar fazer do partido Liberal a principal fôrça humanitária e democrática do país, vou empreender fundar nesta cidade um jornal diário que se intitulará *O Século*... Contando com a identidade das nossas aspirações e homogeneidade da nossa conduta política, tenho a honra de solicitar de V. Sra. um serviço importante à causa liberal: o de concorrer na hora da adversidade para reanimar, por meio da imprensa, a coragem e a resolução dos nossos correli-gionários. »

os passos precisos para no caso de eu não querer ficar aqui poder partir.

Com um Amigo como você, para quem a amizade é mais do que uma palavra, posso falar de coração aberto. Aqui vai a minha história, isto é, a posição em que me acho. Não tenho objeção a que você confidencialmente a conte também aos outros dois P. P. (Penedo e Picot).

Quando vim da Europa, em 1884, eu ganhava em Londres £ 30 do *Jornal*, £ 50 por trimestre. (quero dizer guinéus £ 52.10.0) da *Central Sugar*, £ 10 da *Razon* de Montevidéu, e de consultas de advocacia — digamos £ 10, porque eu tive diversas que me foram pagas a £ 50. Isso é, tirei perto de £ 70 por mês com uma perspectiva de muito mais. Infelizmente caí doente, e tive que vir ao Brasil, e hoje reconheço que se não tivesse partido teria morrido, tão fraco e tão abatido, de fato tão mudado cheguei. Não tenho portanto que me arrepender de ter vindo. Desde, porém, que saí de Londres deixei de ganhar. Estive aqui de maio a setembro, doente, tratando-me. Em setembro parti para o Recife, liquidou-se o Montepio e eu tive uns 4:500\$ na liquidação. Depois recebi dois meses de subsídio na Câmara. Foi tudo. Desde abril de 1884 tenho estado a gastar dinheiro sem dinheiro. Eu em Londres tinha uma pequena dívida feita para as despesas de minha colocação e partida para lá. Essa dívida, eu a teria pago com o produto do Montepio. Este, porém, foi-se nas eleições. Tive quatro eleições em um ano! Viagens repetidas, dispendiosas como são, e como as minhas despesas eram permanentes, e cresciam extraordinárias, fui-me endividando e hoje acho-me colocado em uma posição difícil. Assim a minha vinda ao Brasil fêz-me perder tudo o que eu tinha e o que ia ter, e obrigou-me a despesas muito além de meus meios, perdendo eu portanto duas vezes. Em suma, para um homem regrado, e extremamente suscetível à pressão da dívida, foi um desastre que só teve uma compensação, além da volta da saúde, a minha atual relação com Pernambuco, e o amor que lá me têm.

A minha idéia de fundar um jornal político resulta dêste duplo pensamento. A necessidade de ver o Partido Liberal representado na imprensa pelos seus elementos liberais (vejo o visconde de Pinhal, o *único* deputado liberal de S. Paulo, é ver-

dade que é de S. Paulo, o que acaba de fazer), e o sentir eu que em oposição aqui possa encurtar a época imperial do partido Conservador, porque você sabe « os períodos » dos partidos, são fixados pelo Imperador somente.

Julguei-me obrigado a fazer essa tentativa. Se os meus amigos estiverem prontos a unir-se a mim, como parecem, eu andarei melhor identificando-me com êles que realmente têm feito tôda espécie de sacrifícios por mim. Nem lhe posso dizer que sacrifícios foram para êles essas eleições sucessivas em que me envolvi! Se porém o jornal não se puder fundar, estarei livre para partir, mas então será por muito tempo, será, como o seu, quase um divórcio da política. É isto o que me faz tanto hesitar.

Em 1878 eu estava na diplomacia, e hoje estaria muito adiantado nela se tivesse ficado fora da política. Mas a política me arrastou, e uma vez no Parlamento, irresistivelmente, o abolicionismo me atirou fora dessa outra carreira, a política, fazendo de mim um como que sementeiro de idéias. Nada mais. Em todos os casos, pus de lado os meus interesses materiais completamente, e acredite que eram grandes, e, pior ainda, fortes afeições (1). Mas hoje a situação é esta: por uma série de evoluções cheguei a ser um dos representantes de uma grande aspiração nacional por um lado, e por outro, de grandes esperanças duma Província, à qual muito devo. Eu sinto que ficar na política é arruinar-me. Que as exigências a que tenho que atender não me deixariam parar no plano inclinado em que fui repentinamente lançado, e que serei um nômade, de espírito e de instalação entre o Norte e o Sul, entre Pernambuco e o Rio. Partir hoje, quereria dizer — quebrar êsses laços, retirar-me do movimento no instante para mim mais interessante e momentoso, e ainda uma vez abandonar uma carreira feita pelo desconhecido de posições precárias e subalternas e por um novo provisório, como se me figura ser a vida no estrangeiro, a mim que tenho tantas raízes, tantas e tão fundas, neste país. A minha única salvação está em ser coagido pela necessidade a fazer uma coisa ou outra, como tenho sido sempre, porque a escolha definitiva é superior à minha deliberação tão difícil, tão impossível.

---

(1) Ver adiante a nota sobre Dona Eufrásia Teixeira Leite.

Adeus, meu caro Amigo. Reflita em tudo isso. Eu estimaria poder contar com o lugar do *Jornal*, se o Picot não tiver perdido a confiança em mim. Eu escrevi-lhe uma vez sôbre as correspondências do meu sucessor, mas tenho mêdo que êle tenha visto uma crítica onde não havia, porque realmente as cartas são excelentes, o seu único defeito é serem um tanto tardias e não darem a primeira impressão dos fatos. Não sei quem me substituiu. Infelizmente, se eu voltasse, teria que pedir ao nosso Amigo que me deixasse residir parte do ano fora da Inglaterra, porque o clima de Londres, sem sol, não conviria mais hoje à minha constituição, muito enfraquecida quanto aos nervos. Não lhe posso, porém, dizer por escrito, meu caro Amigo, tôdas as causas de perturbação que últimamente têm-me feito viver como que sôbre um solo movediço e que me fazem desejar como suprema felicidade êsse ideal da *Monotonia* que eu acabo de ver descrito por Théodore de Banville, num número de *Gil Blas*, de um homem que faz todos os dias as mesmas coisas às mesmas horas, invariável como o panteiro do relógio.

Lembranças minhas ao seu pequeno *mundo* e aos nossos amigos. Aí lhe mando um retrato mais. Sempre seu todo

JOAQUIM NABUCO.

### *A José Maria da Silva Paranhos*

Rio, 10 de abril de 1886.

Meu caro Paranhos,

Recebi sua carta para o Sizenando, e os retratos que muito lhe agradeço. O do menino está muito bom, o seu tem um ar preocupado sob o esforço para sorrir.

Soube que o Mota vai reformar-se? Foi devido a uma injustiça do Alfredo (1) na nomeação para o Conselho.

---

(1) Alfredo Rodrigues Fernandes Chaves, ministro da Marinha. O Mota das cartas de Nabuco a Penedo é sempre o dileto amigo de ambos, almirante barão de Jaceguai.

Escrevi-lhe ultimamente mas esta tem por fim pedir-lhe que não perca tempo em estudar o problema de minha volta para aí e em conversar com o Picot sôbre a hipótese. Creio que seria para mim a renúncia de um grande futuro voltar a tornar-me um cronista da política européia, mas talvez eu não possa fazer outra coisa, e então convém estar preparado. Peço agir, porém, com a sua habilidade de costume.

O Gouvêa não tem esperança no caso de seu cunhado, sinto muito dizer-lhe. Parece que êle está de novo doente da mesma idéia. Você talvez não saiba que em Pernambuco conheci sua irmã e seu sobrinho e que sou grande amigo dêles hoje.

Acrescente às palavras telegráficas que lhe mandei mais esta: *Légende* — O Picot diz que não será possível você voltar para o *Jornal*.

Seu do coração

JOAQUIM NABUCO.

### *A dona Eufrásia Teixeira Leite*

*Na sua primeira travessia para a Europa, em 1874, aos vinte e quatro anos de idade, Joaquim Nabuco apaixonou-se e ficou noivo de dona Eufrásia Teixeira Leite, jovem fluminense que vivia em Paris com sua família. O casamento não chegou a se realizar, principalmente porque a noiva não quis contemplar a idéia de abandonar os encantos da Europa pela residência no Brasil, e porque Nabuco não se poderia resignar a deixar suas atividades na pátria para viver no estrangeiro uma existência luxuosa em gôzo de uma fortuna que pertencia à espôsa.*

*No Brasil, que essa filha de fazendeiros de Vassouras, no tempo áureo do café na provincia do Rio, visitava apenas de longe em longe, o namôro intermitente e prolongado com Nabuco se renovou, tendo por principal cena o Hotel Whyte, na Tijuca, então o refúgio preferido dos estrangeiros.*

*Além das hesitações da interessada, que se prolongaram até o declinar da juventude de ambos, o projeto de casamento encontrou a oposição da família de dona Eufrásia, senhores de vastas terras trabalhadas pelo braço escravo, e para quem as*